
ASPECTOS DA NEOLOGIA NO VOCABULÁRIO DA ECONOMIA

Maria Rute Vilhena Costa*

No quadro do projecto de investigação "Neologia do Português Contemporâneo", em curso no Núcleo de Estudos de Linguística Contrastiva da Universidade Nova de Lisboa, com o apoio financeiro da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e da Union Latine de Paris, temos vindo a ocupar-nos dos Aspectos da neologia no vocabulário da economia. Este trabalho constitui para nós o retomar da reflexão que encetámos em 1986/87 quando, no âmbito da disciplina de Lexicologia, elaborámos um trabalho subordinado ao tema Neologismos do Francês contemporâneo - alguns processos sintácticos, de harmonia com as orientações do Observatoire du Français Contemporain de Lisboa com sede na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, sob a responsabilidade científica da Prof^a Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino.

A este encontro, não trazemos conclusões, antes questões e problemas, quiçá preocupações, que com certeza são extensivas a todos quantos aqui se encontram reunidos.

Assim, gostaríamos que este trabalho embrionário fosse entendido, num primeiro tempo, como um esforço de reflexão teórica em torno dos

* Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Núcleo de Estudos de Linguística Contrastiva

Aspectos da neologia no vocabulário da economia

conceitos de "enologia" e de "lexia complexa" e, num segundo tempo, não como o inventário exaustivo de problemas práticos, mas sim como uma selecção de questões-chave que se levantaram quando tentámos classificar conjuntos de significados fixos. Através dos exemplos escolhidos em textos dos domínios da macro e da micro-economia (jornais, revistas e manuais de economia aprofundados) de língua especializada e de língua banalizada, tentaremos ilustrar essas dificuldades.

A 6ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa (Porto Editora, 1987) define neologismo como "palavra ou expressão de formação nova a partir de elementos nacionais ou estrangeiros; acepção nova de palavra já existente na língua; doutrina ou teoria nova; (psicol.) expressões verbais novas que têm, em certos alienados um carácter patológico."

Esta definição integra dois domínios diferenciados: o domínio da linguística e o da psicologia. Embora não sendo suficientemente elucidativa, reconhecemos-lhe o mérito de permitir deduzir que o conceito de neologismo está à margem da norma estabelecida, se associarmos a noção de neologismo à noção de alienação.

A fonte a que recorreremos não é um dicionário de linguística. Contudo, deixa subjacente a ideia de que a criação lexical pode dar-se a um nível formal e/ou semântico.

Consideramos que existe inovação lexical, ou seja criação de neologismo quando, num determinado momento, se detecta a existência de uma unidade que ainda não tenha sido utilizada num nível de um sistema linguístico. A unidade neológica pode ser construída por um vocábulo novo ou por um agrupamento de dois ou mais vocábulos; a inovação pode ainda consistir na aquisição de um novo sema ou na perda de uma sema que, inicialmente, pertencia à unidade de origem.

A criação de neologismos considerada enquanto unidade lexical funcional e pragmática surge devido à necessidade sentida por uma comu-

nidade linguística, em designar conceitos e realidades novas. A rapidez de difusão e a funcionalidade das tecnologias de ponta exigem cada vez mais que o falante produza com maior precisão e rapidez os meios para uma comunicação eficaz. Por esta via, o neologismo acaba por ser tomado em consideração quando adoptado por um número elevado de locutores; este dependerá ainda de julgamentos da colectividade. Por outras palavras, cabe à comunidade linguística julgar se um dado neologismo serve os seus interesses e suas necessidades acabando por o introduzir na língua com obediência consciente ou inconsciente ao princípio da língua.

A criação de unidades neológicas é fértil na "língua corrente". Todavia, é nas "línguas de especialidade", técnicas e científicas que os neologismos surgem com maior frequência. Aqui, o neologismo é passível de ser datado, ou seja, pode-se registar com relativo rigor o primeiro momento da sua entrada na língua uma vez que neste domínio a criação de neologismo é um processo necessariamente reflectido. O neologismo surge no momento em que é preciso denominar um novo conceito ou um novo objecto.

Ao entrarmos no campo das "línguas de especialidade" não podemos deixar de referir o conceito de terminologia. Segundo Dubois (1973, pp. 486) "Toute discipline et à plus forte raison toute science, a besoin d'un élément de termes, définis rigoureusement par lesquels elle désigne les notions qui lui sont utiles: cet ensemble de termes constitue la terminologie." Nesta acepção, dificilmente podemos dissociar sem ambiguidade a noção de neologia da de terminologia. Parece aceitável concluir que a neologia surge como a via eleita para criar em cada momento com precisão e rigor esse "ensemble de termes" indispensável às actividades dos técnicos e dos homens de ciência. Por isso o diálogo entre cientistas, políticos e linguistas, lexicólogos, neólogos e terminólogos, baseado num âmbito concreto e pragmático afigura-se-nos fundamental no processo de planeamento linguístico.

Para a constituição de um corpus de neologismos, utilizamos dois tipos de documentos escritos:

- 1 - documentos de carácter científico, isto é, livros de economia;
- 2 - jornais (ou secções de jornais) especializados que dizem respeito a esta actividade científica.

Excluimos os jornais ou outros documentos de grande divulgação.

O corpus que serviu de base ao trabalho é constituído por lexias, concretamente por lexias completas. A noção de lexia foi introduzida por Pottier (1962) e retomada posteriormente (cf. POTTIER, B., 1974). O autor propõe uma classificação de três tipos: a lexia simples que corresponde a uma forma simples (mesa, janela); a lexia composta que corresponde a uma palavra composta (guarda-chuva) e a lexia complexa que corresponde a uma unidade de significação constituída por vários elementos. Consideramos, então, a lexia complexa como uma sequência fixa de vocábulos que, segundo Galisson (1983, p. 432), corresponde a um fenómeno de lexicalização - conceito que retomaremos noutro ponto desta comunicação. Estas três designações têm em comum o facto de se apresentarem em "discurso" ou em "língua" como unidades de significação.

Queremos deixar claro que é muito difícil demarcar fronteiras nítidas entre os três tipos de lexias propostas por Pottier. São várias as terminologias apresentadas por diferentes autores para designar os tipos de unidades lexicais/unidades de significação (cf. LOFFLER-LAURIAN, A. M.; alii). No entanto, apesar das dificuldades acima mencionadas, dificuldades decorrentes da própria unidade de significação, é a classificação e a terminologia de B. Pottier a mais utilizada e a que se revela metodologicamente mais útil.

Acabamos de introduzir neste texto o conceito de "língua" e de "discurso", dois conceitos operatórios. A oposição entre "língua" e "discurso" é-nos útil em função da análise das unidades lexicais, apesar de muitas vezes a delimitação entre estes dois planos ser difícil de estabelecer. É no

discurso contextualizado que o falante confere novas acepções às unidades da língua. "C'est ainsi qu'on dira que la polysémisation d'une unité lexicale se convertit progressivement en fait de langue" (Maingueneau, 1976, p. 12).

Sendo a língua uma realidade social inerente a uma determinada comunidade podemos afirmar que o neologismo deixa de o ser quando de exclusivamente "unidade de discurso" passa a "unidade de língua". Deixa de ser neologismo a partir do momento em que é dicionarizado.

A lexicalização é um processo linguístico que reduz um conjunto livre de morfemas a um conjunto estável, para deles fazer uma única unidade lexical. É um processo lento e progressivo que irá acabar por integrar uma determinada unidade na "língua". As lexias complexas facilitam a expressão precisa do sujeito falante, na medida em que este é dispensado do esforço de construir proposições longas; assim, as lexias complexas são conjuntos memorizados de morfemas que se constroem facilitando a sua comunicação. Provavelmente, esta será uma das razões pelas quais as "línguas de especialidade" fazem um uso abundante de lexias complexas privilegiando assim a eficácia, a univocidade e a monossemia.

Partamos agora da permissa de que a "língua de especialidade" funciona como um micro-sistema dentro do sistema linguístico. Denominámo-lo de micro-sistema, porque se bem que dependente do sistema linguístico em lato sensu, ele seleccionou e criou as suas próprias regras linguísticas dentro do mundo sociolinguístico em que se move. A "língua de especialidade" é utilizada e compreendida por um conjunto de falantes que trabalham na especialidade. O sistema de conotação é reduzido; cada vocábulo estabelece uma relação directa com o conceito. Esta necessidade de clareza e precisão obriga o especialista a utilizar e/ou a criar lexias complexas longas para que o conteúdo transmitido seja mono-referencial. Os diferentes elementos que compõem este tipo de unidades traduzem determinados traços definidores do conceito ao qual elas se referem.

Aspectos da neologia no vocabulário da economia

Uma amostra do corpus foi retirada de manuais de Economia compilados por e para especialistas. Selecionamos alguns exemplos que tornarão mais claras as afirmações feitas:

- 1 - "unidade central de cálculo económico inter-industriais"
- 2 - "generalização do poder de monopólios a vários sectores"
- 3 - "fontes de diferenciação de produtos"
- 4 - "política industrial intervencionista"
- 5 - "a "colectivização" corrente da economia europeia"
- 6 - "processos políticos de reafecção dos recursos"
- 7 - "liberalização do comércio internacional"
- 8 - "atomicidade dos centros de decisão"
- 9 - "programa de política económica a médio prazo"

Estas lexias complexas têm uma extensão que, vulgarmente, não se encontram na "língua corrente" ou na "língua científica banalizada". Para além da extensão, o que se evidenciou foi a produtividade dos nomes femininos formados pelos formantes -ação e -ização (cerca de 18% do total dos exemplos). Estes sufixos indicam a acção expressa pelo verbo ou o resultado dessa acção. A sufixação é um processo morfossintáctico e morfossemântico de que o "vocabulário económico" faz um uso abundante, tendo em conta o corpus constituído.

Outra característica destas lexias é o facto de serem na sua grande maioria constituídas por substantivos e preposições. Sendo as preposições "as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo". (Cunha; Cintra, 1986, pp. 559), vejamos então a seguinte lexia complexa:

"generalização do poder de monopólio a vários sectores"

Constatamos que os quatro substantivos *generalização*, *poder*, *monopólios* e *sectores* estão ligados entre si por preposições e por

contração de uma preposição com um artigo. O neologismo (unidade de discurso) existe a partir do momento em que estes elementos constituem um todo, uma unidade coesa.

O falante percebe a significação de cada vocábulo isoladamente, no entanto, terá alguma dificuldade em captar a significação de uma lexia complexa da do tipo que acabamos de mencionar; muitas vezes só a competência do especialista compreende e encontra nela uma solução para designar um conceito complexo ou um novo objecto. Escolhemos um segundo exemplo em nosso entender representativo:

"programa de política económica a médio prazo"

Nesta lexia não há nenhum vocábulo que isoladamente contenha uma carga neológica. Esta lexia complexa é constituída por um substantivo e por outras duas lexias complexas que já não são neologismos uma vez que estão inseridas no Dicionário de Economia e Gestão (Lello e Irmão Editores, 1984). É a junção do substantivo com as duas lexias complexas (Substantivo + Adjectivo e Adjectivo + Substantivo) ligadas por preposições que conferem o grau de neologia à unidade. Repare-se como o conteúdo principal a transmitir se situa ao nível do substantivo *programa*. O conteúdo é especificado pelo conjunto de lexemas que se lhe segue. Entende-se por lexemas a unidade de base do léxico que contém um conteúdo sémico ou semema (conjunto de semas). Os sememas de cada elemento da lexia ficam "contaminados" uns pelos outros nas suas relações sintagmáticas, perdendo e adquirindo em simultâneo semas novos.

Resta-nos ainda afirmar que muitas lexias complexas recolhidas só são consideradas como tal porque integradas num dado contexto linguístico que rodeia a unidade, isto é, o conjunto de elementos que efectivamente estão presentes no texto. Não raras vezes o contexto é fornecedor de indicações preciosas porque explícita ou implicitamente fornece informações que permitem considerar a junção de vários elementos como lexia complexa.

Aspectos da neologia no vocabulário da economia

Quando a "língua de especialidade" é utilizada nos meios de comunicação, a sua estrutura interna é alterada para que os "amateurs éclairés" (Galisson, 1978, pp. 11), possam entender o conteúdo. Estamos então perante a "língua banalizada". Entende-se por banalização a penetração de termos de "língua de especialidade" num nível intermédio entre essa língua e a "língua corrente". Tendo em conta que o público visado é outro, a criação de neologismos também se processará de forma divergente. O jornalista especializado (ou informado) utiliza lexias de determinada "língua de especialidade" em construções sintácticas diferentes das do "discurso científico" para uma melhor clareza em função de um público. É evidente que a competência científico-cultural do leitor da imprensa escrita não é, em grande parte dos casos, idêntica à do especialista. Consequentemente a estrutura interna do nível de língua utilizada tem de se coadunar às características potenciais do indivíduo que vai ler. Se o especialista procura um certo rigor científico na informação que transmite, em contrapartida o leitor de jornais limita-se a ser informado de um determinado sector de actividade científica.

Portanto verifica-se que as lexias complexas têm outras características: reduzem os seus elementos constituintes; tal facto reflecte um aspecto específico da "língua banalizada" relativamente à "língua de especialidade". Paralelamente a este aspecto existem unidades polissémicas. Constatamos também que o jornalista da especialidade de um determinado sector ou actividade(s) científica(s) utiliza no seu discurso termos próprios de vários campos científicos ou técnicos. Estamos perante fenómenos de empréstimos entre vários micro-sistemas.

Ilustremos o que acabamos de expor com a enumeração de alguns exemplos:

- 1 - "estratégia governamental"
- 2 - "economia paralela"
- 3 - "colapso bolsista"
- 4 - "endividamento bancário"

- 5 – "depressão dos mercados financeiros"
- 6 – "empresas clientes"
- 7 – "desaceleração de inflação"
- 8 – "esforço de modernização"
- 9 – "volume de vendas"
- 10 – "acordo de dinamização"
- 11 – "mutação social"

Vejamos então os seguintes exemplos:

Esta lexia complexa permite retomar o raciocínio anterior. O termo *colapso* que inicialmente foi criado e utilizado pela medicina entrou no domínio da economia para assumir a significação de "*queda repentina*". Perdeu no entanto um sema que é o da *função vital*. O termo *bolsista*, cujo lexema-base pertencia à classe gramatical dos substantivos passou a fazer parte dos adjectivos devido à junção do sufixo *-ista* que entre outros conteúdos semânticos pode exprimir "partidários ou sectários de doutrinas ou sistema", "ocupação, ofício" (Cunha; Cintra, 1986). Assim, devido à junção do sufixo *-ista* a "bolsa" temos um neologismo; em primeiro lugar porque mudou de classe gramatical, em segundo porque essa mudança lhe conferiu um conteúdo semântico específico. Mas a unidade *colapso bolsista* é um neologismo devido não só ao neologismo "bolsista", mas também devido à contaminação dos sememas resultante da junção de dois vocábulos provindos de domínios de experiência diferentes.

Analisemos um terceiro e último exemplo.

QUADRO I

	Estratégia	Governamental
Classe gramatical	Substantivo	Adjectivo
Significação relativa a cada um dos elementos ⁽¹⁾ da lexia	parte da ciência militar que ensina a conduzir as grandes operações militares	referente ao governo; partidário do governo
Domínio da experiência	guerra	governo
Significação global ⁽²⁾	tentativa de organizar o governo em função do combate a algo	

O que leva a que esta unidade de significação seja considerada uma unidade neológica é a junção do substantivo *estratégia* ao adjectivo *governamental*. A *estratégia governamental* é uma lexia complexa (curta), constituída por dois elementos, pertencendo o primeiro ao domínio militar e o segundo ao domínio da política. Os dois vocábulos têm inerentes o conceito de organização por parte de um conjunto de indivíduos que possuem o mesmo objectivo. O termo *estratégia* perde o sema referente a guerra – conduzir grandes operações – sema esse que é assumido pelo termo *governamental*. Estes dois vocábulos têm um sema comum: a existência de um

determinado grupo de pessoas lutando para o mesmo fim. A fusão de semas permite transformar a significação de dois vocábulos isolados numa lexia complexa, portadora de uma significação específica. É essencialmente o substantivo *estratégia* que permite considerar esta lexia complexa um neologismo na medida em que ele perde parcialmente a sua identidade para enriquecer o adjectivo *governamental*.

QUADRO II

	Colapso	Bolsista
Classe gramatical	Substantivo	Adjectivo
Significação relativa a cada um dos elementos⁽¹⁾ da lexia	ambição; expectativa de uma função vital	referente a bolsa
Domínio de experiência	medicina	bolsa
Significação global⁽²⁾	queda repentina da bolsa	

QUADRO III

Depressão dos mercados financeiros

Classe gramatical	Substantivo	substantivo+adjectivo
Significação relativa a cada um dos elementos ⁽¹⁾ da lexia	acto ou efeito de deprimir; abaixamento de nível	oferta e procura de capitais a médio e longo prazo
Domínio da experiência	Geomorfologia	economia
Significação global ⁽²⁾	Descida da oferta e procura de capitais a médio e a longo prazo	

O neologismo *depressão dos mercados financeiros* é constituído pela junção de um substantivo e de uma lexia complexa já aceite pela comunidade linguística. A diferença entre estes exemplos e os dois anteriores é que o substantivo *depressão* está ligado a *mercados financeiros* por uma preposição. O vocábulo *depressão* define/qualifica um determinado momento dos *mercados financeiros*.

Todos estes exemplos têm de comum a existência de uma contaminação de semas por parte dos elementos que constituem a lexia, conferin-

do-lhes ao mesmo tempo uma coesão e alguns aspectos que poderíamos designar de metafónicos. Por outro lado, vimos que estas lexias são compostas por vocábulos pertencentes a domínios de experiência diferentes, facto que confirma a ideia de que existem empréstimos por parte da "língua banalizada" às várias "línguas de especialidade".

As lexias complexas que apresentámos como exemplos de neologismos da "língua de especialidade – economia" têm todas as características de unidades terminológicas. Para além de serem formadas por vários elementos que traduzem e simultaneamente como que analisam o próprio conceito; na sua constituição, existe uma classe de vocábulos que assume uma função, muito importante: os substantivos.

No levantamento e delimitação destas unidades terminológicas tivemos sempre o cuidado de perguntar a economistas se estas lexias eram sentidas por eles como unidades, ou melhor, como unidades neológicas.

Se compararmos as lexias complexas da "língua de especialidade" com as da "língua banalizada" verificamos que o último tipo é caracterizado por um menor número de elementos constituintes. Isto deve-se a vários factores:

- a – diferente conceptualização relativamente a um conceito, por parte do não-especialista; esta diferente conceptualização tem várias consequências, consequências num plano linguístico;
- b – princípio de menor esforço;
- c – facilidade de memorização e compreensão por parte do utente da língua não-especialista de uma área de uma ciência ou de um técnico.

O segundo conjunto de exemplos é constituído por lexias complexas cujo número de elementos é muito mais reduzido. Queremos, no entanto, chamar a atenção de que estas lexias não fazem ainda parte da "língua

Aspectos da neologia no vocabulário da economia

corrente"; elas só são compreendidas por um público não-especialista, mas possuidor de uma determinada informação numa área científica.

Julgamos, assim, que estas lexias (unidades neológicas) são um exemplo do fenómeno de banalização e não de vulgarização (isto é, passagem directa de um vocábulo científico para a língua corrente).

Nesta comunicação, queremos ter apenas esboçado algumas particularidades do fenómeno de banalização enquanto mecanismo de neologia, fenómeno que se verifica no "vocabulário da economia" e noutros vocabulários científicos.

Não queríamos terminar este trabalho sem deixar de referir algumas breves palavras sobre a inserção das lexias complexas num *Banco de Neologismos*. Este aspecto será muito sucinto uma vez que o assunto já foi abordado noutra comunicação de uma forma mais desenvolvida (cf Maria Teresa R. F. Lino, "Banco de Neologismos do Português Contemporâneo: Balanço de uma experiência.").

Queríamos chamar a atenção para o facto de que as lexias complexas levantaram problemas específicos nem sempre de fácil resolução. Considerando que o *Banco de Neologismos do Português* funciona como uma espécie de "dicionário electrónico" pretendemos que, uma vez informatizados os materiais, toda e qualquer espécie de consulta seja eventualmente possível. A estrutura relacional do programa permite fazer relações, cruzamentos e redes de relações. A informática ao serviço deste tipo de análises, ao mesmo tempo que facilita em tempo e esforços o trabalho do neólogo torna também a investigação mais rigorosa.

A lexia complexa pode ser inserida como um conjunto de vocábulos enquanto unidade significativa; o programa adoptado deverá no entanto permitir que se façam as relações paradigmáticas dos diferentes elementos. Vejamos um exemplo:

"política industrial de intervenção"

Querendo ter uma informação em que surja o termo *política*, o programa deverá possibilitar chamar todas as lexias que estejam inseridas no Banco, em que o vocábulo *política* poderá aparecer no fim, no meio ou no princípio consoante o leitor o pretenda. Por isso ele deverá usar códigos específicos que integram o programa.

O programa deverá possuir um código que permita ignorar as preposições no interior das lexias complexas, de modo a ser capaz de encontrar este tipo de lexias que muitas vezes apresentam dois, três ou mais elementos.

Falar de um *Banco de Neologismos* e de *Banco de Terminologia* não é a mesma coisa. Os objectivos são divergentes. O *Banco de Terminologia* pretende definir e normalizar as lexias complexas ou indicar a tradução mais correcta no caso de corresponderem a traduções de estrangeirismos; estas características fazem do *Banco de Terminologia* uma fonte de documentação indispensável não só ao terminólogo ou aos homens de ciência, mas também ao tradutor especializado.

O *Banco de Neologismos* preocupa-se sobretudo em multiplicar os contextos de modo a facilitar a investigação lexicográfica e as práticas dicionarísticas de vocabulários científicos ou de vocabulários de "língua de especialidade".

Acabámos de expor os principais resultados de um trabalho que iniciámos em Janeiro do corrente ano no âmbito do projecto de investigação *Neologia do Português contemporâneo*.

Porque o lapso de tempo entre aquela data e o momento em que nos encontramos aqui reunidos não é suficientemente longo, os resultados que acabámos de apresentar são naturalmente preliminares. Por isso as questões-problema são ainda muitas e as conclusões não se apresentaram com carácter necessariamente definitivo.

Esperamos que os trabalhos futuros venham colmatar eventuais lacunas, aclarar dúvidas, enfim, contribuir de alguma forma para o desenvolvimento deste domínio da lexicologia.

Como remate não podemos deixar de referir a importância que teve a dedicação plena a este trabalho que só foi possível porque beneficiámos de uma bolsa da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Não por praxe, mas por imperativo da razão queremos agradecer:

- à Prof^a Doutora Rijo Lino a sábia orientação dos trabalhos e as críticas e sugestões que apresentou quando da leitura do manuscrito,
- à Comissão Organizadora deste Encontro a oportunidade que nos concederam para transmitir os primeiros resultados de um trabalho que iniciámos com tanto entusiasmo.

NOTAS

- (1) Significação relativa a cada um dos sememas dos lexemas que constituem a lexia.
- (2) Significação global resultante da constituição da lexia complexa.

BIBLIOGRAFIA

DUBOIS, J. et alii, (1984) - *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse.

COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio e, (1987) - *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora.

- CUNHA, C., CINTRA, L. (1984) - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- GALISSON, R. (1978) - *Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale*, Paris, Fernand Nathan.
- GALISSON, R., COSTE, D. (1983) - *Dicionário de didáctica das línguas*, Coimbra, Almedina.
- LERAT, P. (1976) - "Lexicographie et référence", *Cahiers de Lexicologie*, Paris, vol. XXVIII.
- LOFFLER-LAURIAN, A. M., PINHEIRO LOBATO, L., TUKIA, M. (1979) - "Pour une étude contrastive des lexies complexes: cas particulier des lexies à chiffres en français, portugais et finnois", *Cahiers de Lexicologie*, Paris, vol. XXXIV.
- MAINGUENEAU, D. (1976) - *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, Paris, Hachette Université.
- POTTIER, B. (1962) - *Introduction à l'étude des structures grammaticales fondamentales*, Nancy, Publ. Faculté des Lettres de Nancy.
- POTTIER, B. (1974) - *Linguistique Générale. Théorie et description*, Paris, Klincksieck.
- REY, A. (1976) - "Néologisme, un pseudo-concept", *Cahiers de Lexicologie*, Paris, vol. XXVIII.
- REY, A. (1977) - *Le lexique: images et modèles - du dictionnaire à la lexicologie*, Paris, Armand Colin.